

FLÁVIO DE CARVALHO

No traço, drama, humor e ironia

Diário rastreia os ‘ossos do mundo’

MARTA AVANCINI
Especial para o JUJ

Continuação da página 5

Entre março e outubro de 1956, Flávio de Carvalho publicou a coluna *A Moda e o Novo Homem* no *Diário de S.Paulo*. Semanalmente, ele escrevia um artigo comentando algum aspecto relacionado à moda, baseando-se em estudos que realizava nas suas diversas áreas de interesse – principalmente arte, cultura, etnografia, filosofia e psicologia.

Ao todo, foram 39 artigos, acompanhados por 105 ilustrações, compostas por desenhos feitos pelo próprio Flávio e legendas explicativas, que fazem parte do Fundo Flávio de Carvalho do Cedeae/Unicamp. (Leia texto nesta página)

Essas ilustrações foram reunidas num volume da coleção *Cadernos de Desenho*, da Editora da Unicamp em parceria com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. A série é organizada por Lygia Eluf, professora de desenho do Instituto de Artes da Unicamp. “A ideia da coleção é revelar, ao público em geral, um tipo de desenho que normalmente fica escondido no ateliê do artista, que raramente seria exposto”, explica.

O volume sobre Flávio de Carvalho é o oitavo da série, que recebeu um prêmio Jabuti em 2009, ano em que foi lançada. Neste caso específico, os desenhos não são inéditos, pois já haviam sido publicados na coluna de jornal. No entanto, afirma a organizadora, a reunião das ilustrações num único livro atende a outro objetivo da série: trazer a público a maneira como se desenvolve, por meio do desenho, o modo de pensar do artista.

Lygia caracteriza as ilustrações de Flávio de Carvalho como o resultado de uma pesquisa artística de primeira qualidade. “São desenhos muito sintéticos, que traduzem de uma maneira clara e simples a construção de um pensamento visual”, afirma a professora da Unicamp.

Nesse sentido, a diretora do Cedeae, Flávia Carneiro Leão, enfatiza que muitas das referências usadas pelo artista nas ilustrações podem ser identificadas nos livros de sua biblioteca. “É perfeitamente possível traçar o caminho de volta das ilustrações aos volumes da biblioteca de Flávio, o que indica o esforço do artista em integrar a criação artística e a investigação científica em um trabalho fundamentado em pesquisas e estudos”.

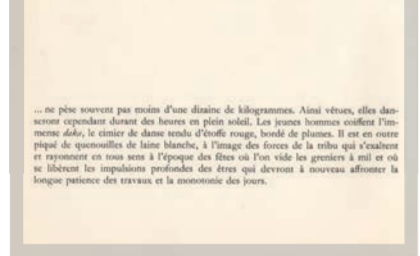
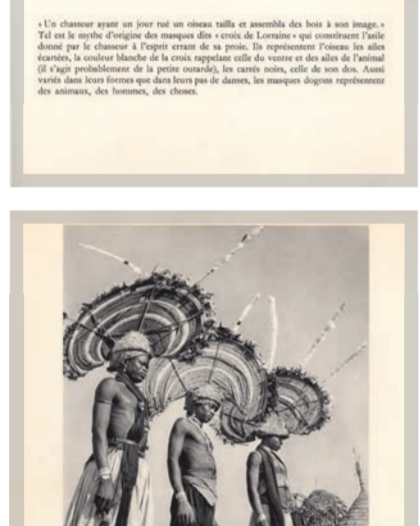
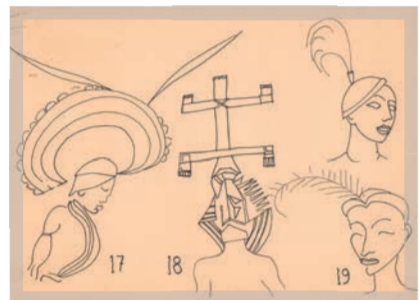
POR DENTRO DA HISTÓRIA

De fato, uma única ilustração podia reunir referências das mais diversas origens e contextos, permeadas de análises de cunho psicanalítico e de hipóteses, muitas vezes irônicas, sobre a história da humanidade e os costumes sociais.

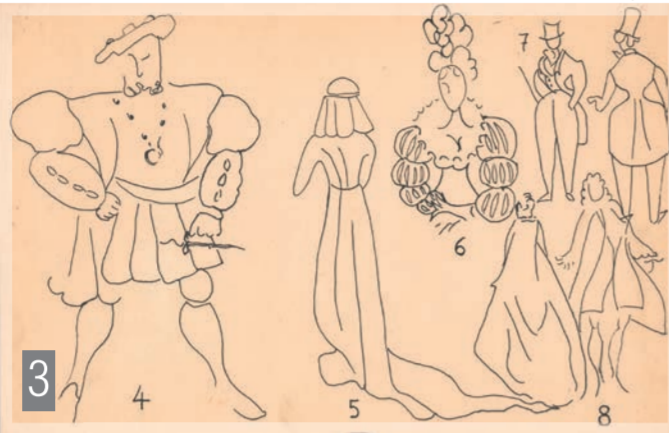
Flávio identificava no vestuário, essencialmente dois tipos de formas, afirma o crítico de arte Rui Moreira Leite: as “curvilíneas fecundantes”, associadas a períodos de prazer e alegria, e as “retas paralelas anti-fecundantes”, marcadas pelo luto e a tristeza. Nos artigos, as vestimentas são associadas a mudanças na história e a comportamentos.

Numa ilustração, Flávio relaciona os vestidos usados pelas mulheres francesas na segunda metade do século 18, com um desejo de segurança: “A mulher cinco anos antes da Tomada da Bastilha; o corpo quase todo envolto em largos panos que ofereciam inúmeros pontos de apoio e segurança. A moda procurava amparar, quase esconder, a mulher prestes a ser decapitada. Mas não conseguiu”.

Em outra, analisa a semelhança dos trajes usados por homens e mulheres na antiga civilização Sumeriana como um “objetivo psicológico de igualar o homem à mulher”. Numa terceira, levanta a hipótese de que a longa cauda do vestido usado por Josefina, esposa de Napoleão Bonaparte, seria um contrabalanço à insegurança sexual do imperador.



Nas figuras 17 e 18 da ilustração (no alto), desenhos baseados em fotos de tribos africanas feitas por Michel Hust (acima); pesquisa e história



Desenhos do livro, com as associações feitas por Carvalho: 1) ‘antes da Tomada da Bastilha, a moda procurava amparar, quase esconder, a mulher prestes a ser decapitada. Mas não conseguiu’; 2) dos trajes usados por homens e mulheres na antiga civilização sumeriana como um ‘objetivo psicológico de igualar o homem à mulher’; e 3) supondo que a cauda do vestido usado por Josefina, mulher de Napoleão Bonaparte, seria um contrabalanço à insegurança sexual do imperador



A professora Lygia Eluf: “São desenhos muito sintéticos, que traduzem de uma maneira clara e simples a construção de um pensamento visual”

ainda as pinturas nas quais o nu feminino revela uma forte sensação erótica.

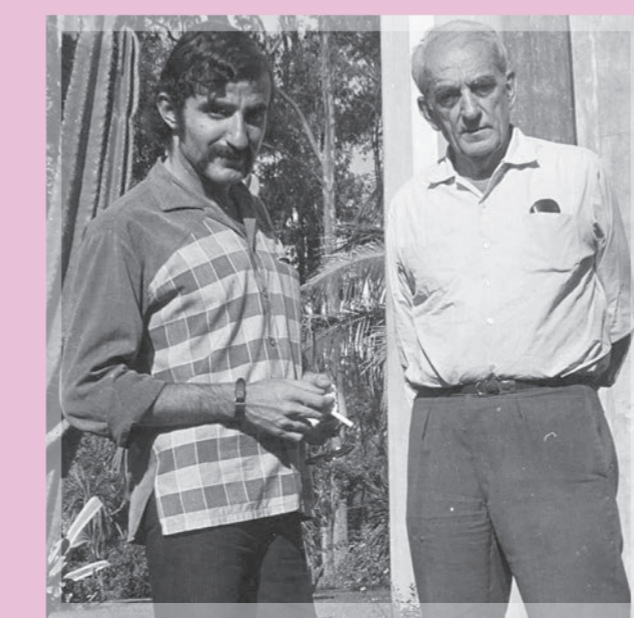
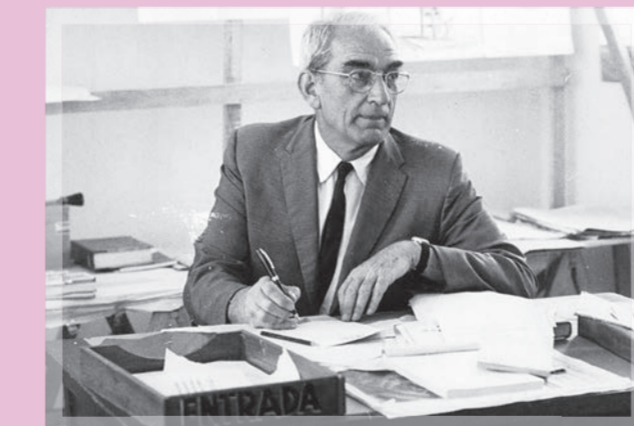
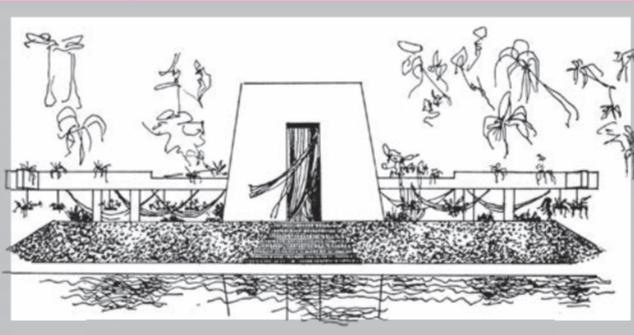
“Dez anos antes da coluna sobre a moda, ele consegue representar a dramaticidade da tragédia que é a mãe morrendo. De repente, ele constrói essas imagens irônicas, cheias de senso de humor, dotadas de leveza, com uma linguagem gráfica que é uma síntese clara e quase objetiva: um casamento perfeito entre sensibilidade e racionalidade que é surpreendente”, afirma a professora da Unicamp.

“Essa característica de Flávio, sua ação provocativa e sua intenção de não fragmentar o conhecimento se expressa no desenho, – do dramático e trágico à essa dimensão tão bem humorada – é uma das coisas que mais me encantam”.

Outro aspecto enfatizado pela organizadora da coleção *Cadernos de Desenho* é o intenso diálogo dos desenhos com a cultura e a sociedade daquela época. “As ilustrações parecem ser um projeto para ele chegar à Experiência n.º 3”, analisa Lygia. (Leia na página 5).



O artista em sua casa, concebida por ele conforme mostra o croqui (no alto), e em diferentes momentos de sua vida, em fotos do Fundo Flávio de Carvalho: Cedeae e depósito de massa documental



Nas coisas miúdas, uma visão do todo

Quando morreu em 1973, Flávio de Carvalho deixou um grande acervo de livros em sua casa, na fazenda Capuava, em Valinhos (SP). Cerca de uma década mais tarde, o material foi recolhido, em regime de comodato, pelo Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedeae), ligado ao Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Unicamp.

“Era o que havia restado da biblioteca de Flávio de Carvalho. Em função do seu valor para pesquisas na área de humanas, em especial em Letras, a Unicamp resolveu negociar a compra do acervo com os herdeiros do artista”, relembra Flávia Carneiro Leão, diretora do Cedeae. A compra foi efetivada em 1998.

Anos mais tarde, somou-se a essa documentação, outro lote de materiais que havia pertencido a Flávio de Carvalho e estava sob os cuidados do jornalista J. Toledo, amigo pessoal do artista, adquirido pela Unicamp em 2009.

Os dois lotes de documentos compõem o Fundo Flávio de Carvalho, constituído de documentos originais manuscritos, desenhos originais, livros, fotografias, recortes de jornais, catálogos, periódicos, fitas em VHS, películas 16 mm, álbum de autógrafos e objetos pessoais, entre outros documentos.

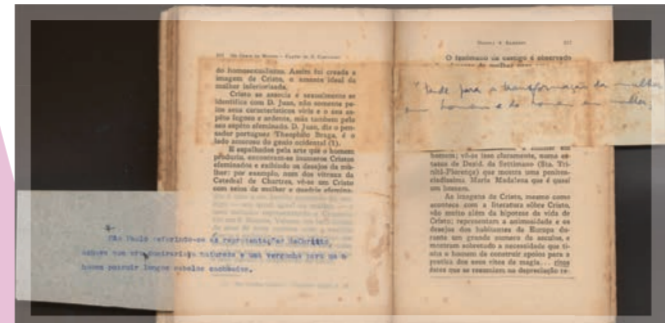
“Tem muita coisa importante no acervo, inclusive os recortes de jornal, que são de uma riqueza ímpar”, afirma Flávia. “Em fundos, geralmente os manuscritos e os projetos tendem a ser mais valorizados, mas no caso do material deixado por Flávio de Carvalho, os recortes são de grande interesse e relevância”.

Em primeiro lugar, porque, ao longo da vida, Flávio de Carvalho escreveu e publicou em vários periódicos, especialmente no *Diário de S.Paulo*.

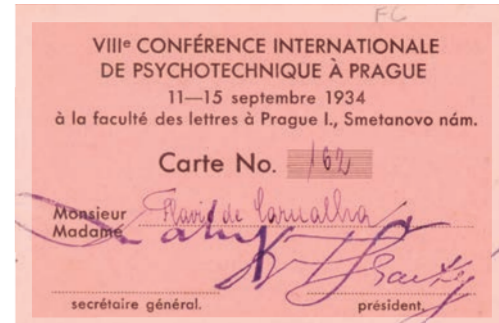
Os recortes também incluem matérias e notas jornalísticas sobre arte, cultura e eventos nessas áreas. “Flávio tinha o hábito de montar álbuns de recortes. Ele recortava publicações dele e tudo o que fosse relacionado às artes em geral. Exposições, concertos”, relata a supervisora do Cedeae. Esses recortes, enfatiza ela, montam um panorama da vida cultural e artística da época.

“Em meio à aparente loucura, Flávio tinha uma disciplina, claramente perceptível na cronologia miúda dos álbuns”. Além dos recortes propriamente ditos, as marcações e as observações feitas por ele são importantes, revelando suas percepções e visões de mundo e agregando, assim, elementos à compreensão de sua obra.

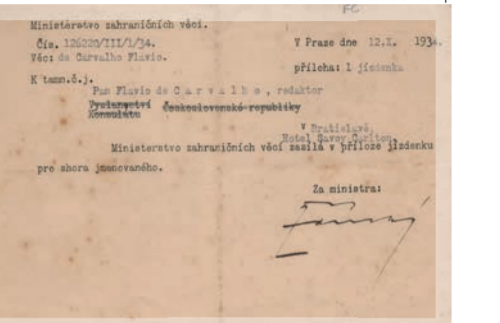
(Marta Avancini)



Exemplar de ‘Os Ossos do Mundo’ que pertenceu a Flávio de Carvalho: obra foi colecionada, pelos organizadores da atual edição, com trechos manuscritos depositados no Cedeae



Ficha de inscrição de um dos congressos em Praga e visto fornecido pelo então governo checo: período de seis meses depois dos eventos



Folhetos de propaganda de ‘Os Ossos do Mundo’: livro foi rejeitado pela Editora Nacional



Em setembro de 1934, Flávio de Carvalho partiu para a Europa. Seu objetivo era participar de dois eventos em Praga, capital da então Tchecoslováquia. Além das apresentações que faria nos congressos de Filosofia e Psicotécnica, ele levava na bagagem uma incumbência: escrever um relato sobre a viagem a ser publicado num livro encomendado pela editora Nacional.

Após participar dos eventos, Flávio percorreu, durante seis meses, pelo menos oito países – Inglaterra, França, Bélgica, Itália, Tchecoslováquia, Polônia, Hungria e Áustria, além de uma breve passagem por Portugal. Foi a museus (especialmente os de etnografia), visitou monumentos históricos, vagou pelas ruas, frequentou bares e restaurantes, conheceu pessoas. Suas impressões e reflexões resultaram no livro *Os Ossos do Mundo*, cuja reedição foi lançada recentemente pela Editora da Unicamp, com organização de Rui Moreira Leite e Flávia Carneiro Leão.

Ao voltar para casa, o projeto do livro tomou um rumo inesperado. “Quando chegou ao Brasil e apresentou o livro à Editora Nacional, o volume teve sua publicação recusada”, conta o arquiteto, crítico de arte e pesquisador Moreira Leite, um dos maiores estudiosos da obra de Flávio de Carvalho. O livro acabou sendo lançado, mas numa tiragem independente com cerca de mil exemplares, sem grande repercussão.

A recusa da editora provavelmente ocorreu em função do caráter atípico do relato feito pelo artista. “A expectativa era que ele trouxesse um relato de viagem convencional para integrar uma série da editora, com descrições de locais para visitar e algumas impressões. Algo muito diferente da obra que Flávio escreveu”, complementa Moreira Leite.

MERGULHO NA ALMA HUMANA

Ao invés de falar sobre museus e atrações turísticas, Flávio de Carvalho dedicou-se a análises e reflexões sobre a formação psicológica e cultural da Europa, dos povos e, até, da humanidade. “É um livro de psicologia num livro de viagens”, define Moreira Leite.

Ou como atesta o próprio Flávio de Carvalho no capítulo *As Ruínas do Mundo*: “este livro não é um simples livro de viagens e sim um livro de meditações livres sobre viagens, (...) não é um livro para o grande jardim da infância constituído pelas massas; quando muito pode atuar como um estimulante para o cérebro seguindo apenas o tumulto dos acontecimentos pessoais do autor”.

Desse modo, nesta obra – assim como em praticamente tudo o que produziu, nos mais diversos campos em que atuou – o artista foge do lugar comum. A começar pelo sentido que atribuiu à expressão que dá título à obra. Os “ossos do mundo”, define o autor, são objetos que as civilizações deixam como rastro ao longo da história. São “resíduos ancestrais que funcionam como condutores de verdade”, capazes de oferecer “um poder terapêutico pouco compreendido hoje [década de 1930] devido ao infeliz e tacaño espírito científico do século”.

Os “ossos” teriam, segundo ele, o poder de despertar uma nova sensibilidade no homem que olha para o passado através dos objetos, tornando-se uma “fonte de recordação das dúvidas e do drama da vida”.

Olhar para o passado, resgatar os “ossos do mundo” é, então, para Carvalho, uma experiência de reconstrução da origem, saber de onde saímos, para calcular para onde vamos. Isto porque as “recordações” geradas pelos objetos, os resíduos do passado, criam uma espécie de ressonância com o inconsciente e com a verdade sobre a humanidade que os objetos carregam neles próprios.

A partir desse pano de fundo conceitual, Flávio de Carvalho estabelece associações entre costumes dos povos, comportamento, história da arte e da civilização. Por exemplo, em determinado trecho ele relaciona a qualidade do papel higiênico com o nível de vida dos povos; em outro, vincula a arte realista do século 17 com a degradação da sensibilidade humana.

PROJETO INACABADO

Embora *Os Ossos do Mundo* tenha tido pouca repercussão na época, existem indícios que Flávio de Carvalho tinha a intenção de fazer uma segunda edição revista da obra, explica a arquivista Flávia Carneiro Leão, diretora do Centro de Documentação Alexandre Eulálio (Cedeae) da Unicamp, que abriga o espólio documental do artista e arquiteto.

No conjunto de documentos que integram a coleção do Cedeae, há um exemplar do livro que pertenceu a Flávio com anotações, correções e acréscimos feitos por ele próprio. “Quando acervo chegou e comecei a trabalhar com o material, encontrei um exemplar com trechos de textos pregados e correções em várias páginas. Ficou claro que ele estava preparando uma segunda edição”, relata Flávia.

Um segundo exemplar, também com inserções e comentários do autor, estava nas mãos de Rui Moreira Leite, que o ganhou de

presente de um amigo. O exemplar, conta Rui, foi comprado em um sebo no Rio de Janeiro e havia pertencido a Flávio de Carvalho.

Esses dois exemplares, juntamente com os registros de seu caderno de anotações de viagem, deram origem à atual edição lançada pela Editora da Unicamp. “Havia anotações diferentes nos dois livros. Todas as alterações e adendos foram incorporados à edição que organizamos”, diz a diretora do Cedeae.

Mais do que material para uma segunda edição revista e ampliada, o caderno de anotações de viagem contém várias informações não contempladas no livro, como a identificação dos museus etnográficos que visitou – em Florença, Roma, Paris, além do Museu do Congo, em Bruxelas –, bem como desenhos de objetos que despertaram seu interesse (como instrumentos musicais do Victoria and Albert Museum, em Londres), e a lista de endereços das personalidades que pretendia visitar.

A lista inclui desde artistas abstracionistas e construtivistas, como Mondrian, Ben Nicholson, László Moholy-Nagy, até o filósofo Gaston Bachelard e o psicanalista Freud. “Alguns contatos e entrevistas, como Freud, sequer foram feitos, mas muitas entrevistas foram realizadas e chegaram a ser publicadas em jornais brasileiros”, afirma Flávia.

REPERCUSSÕES E DESDOBRAMENTOS

Assim, enquanto esteve na Europa, paralelamente ao livro, o artista fez várias entrevistas com personalidades dos congressos que frequentou, dos artistas e escritores que conheceu enquanto se deslocava percorrendo os países e principalmente museus – como registra seu caderno de anotações.

Em Paris, encontrou-se com André Breton, Tristan Tzara, além de Raymond Queneau, Man Ray e, conforme indica o acervo do Cedeae, parece ter se aproximado dos ingleses, liderados por Roland Penrose. Entre os abstracionistas, um nome chave foi Jean Hélion, embora tenha contado também Ben Nicholson.

Quando regressou ao Brasil deu início à publicação das entrevistas e também à apresentação de suas ideias sobre pintura, renovadas pelos contatos mantidos com artistas em palestras (como “A Pintura do Som e a Música do Espaço”) ou em artigos, como “Novas Tendências da Pintura Contemporânea”.

(Marta Avancini)